

FOUCAULT: LOUCURA E SUBJETIVIDADE NO CLASSICISMO

Rafael Fernando Hack¹

Resumo

Ao longo do denominado período arqueológico, o filósofo francês Michel Foucault propôs-se a analisar os regimes de saber predominantes no ocidente. O presente trabalho relaciona a epistémê clássica (era da representação) analisada pelo filósofo francês Michel Foucault na obra “As palavras e as coisas” com a estrutura discursiva que caracterizava a loucura durante o classicismo estudadas pelo pensador na obra “História da Loucura”. Pretendemos observar os elementos que inviabilizavam a análise da subjetividade durante o período em questão.

Palavras-chave: Foucault; Representação; Sujeito; Discurso; Loucura

FOUCAULT: MADNESS AND SUBJECTIVITY IN CLASSICISM

Abstract

During the archaeological period, the French philosopher Michel Foucault proposed to analyze the predominant regimes of knowledge in the West. This paper relates the classical epistemê (age of representation) analyzed by the French philosopher Michel Foucault in the work “The Order of Things” with the discursive structure that characterized madness during classicism studied by the thinker in the work “*Madness and Civilization*”. We intend to observe the elements that made the analysis of subjectivity impossible during the period in question.

Keywords: Foucault; Representation; Subject; Speech; Crazy.

Introdução

Durante a década de sessenta o filósofo francês Michel Foucault dedicou-se a análise dos discursos que caracterizavam os regimes de saber predominantes no ocidente. É no interior deste período, também denominado de arqueológico (ou arqueologia), que obras significativas foram desenvolvidas. Pretendemos observar a relação estabelecida entre a estrutura discursiva presente na epistémê clássica e a análise das doenças mentais durante o classicismo, para tanto pautaremos nosso trabalho em duas obras basilares: “A História da loucura” e “As palavras e as coisas”.

O período clássico compreendido entre os séculos XVII e XVIII organizava seu regime de saberes através da representação. Mathésis e taxonomia dispunham-se como moldes através

¹ Doutor em Filosofia pela UFSCar. Graduando em psicologia pela UTP. Professor da SEED/PR. Email: rfhack@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1755-7021>.

dos quais os signos eram disponibilizados ao saber. O saber, a fim de estabelecer-se enquanto tal, deveria ser passível de ser representado diante das identidades, diferenças e da gênese.

A estrutura discursiva baseada na representação temporal e sucessiva dos signos, que continham em si tanto a natureza como a natureza humana, impediam a análise da manifestação da subjetividade. Isto implicava em uma “estrutura terapêutica” dirigida a loucura pautada sobretudo em pressupostos disciplinares.

No período clássico a concepção de subjetividade encontrava-se inviabilizada devido a estrutura discursiva predominante. Diante disto, a caracterização e o tratamento das denominadas “patologias do espírito” apoiavam-se em outros pressupostos. Pretendemos assim, observar a relação existente entre o discurso, a loucura e o sujeito no classicismo.

Foucault: loucura e subjetividade no classicismo

O homem, na medida em que é considerado, pelo período barroco, como aquele que organiza as representações, não pode ser representado. É no interior do discurso conferido pela representação que tanto o ser como a existência estão dispostos. É somente através da redefinição da linguagem que pode se instituir uma ciência do homem.

No classicismo a linguagem não é paralela ao pensamento ela “[...] está presa na sua rede e tecida na sua trama mesma que a envolve. Não é efeito exterior do pensamento, mas o próprio pensamento.” (FOUCAULT, 2007a, p. 108). Ela distingue-se dos demais signos por analisar a representação segundo uma ordem sucessiva, desmembrando o pensamento e o representando de modo contínuo e linear.

A linguagem opõe-se ao pensamento, sobretudo, em uma relação temporal, como o sucessivo ao contemporâneo. A linguagem é sucessiva, não pode evidenciar os pensamentos em sua emergência imediata. Ela é, portanto, a “[...] análise do pensamento: não simples repartição, mas instauração profunda da ordem no espaço.” (FOUCAULT, 2007a, p. 114). O discurso é a combinação sucessiva das representações que se remetem as mais longínquas origens.

No discurso encontram-se imbricadas duas noções: a natureza e a natureza humana. A primeira fazia surgir a diferença na ordem dos seres através de uma justaposição real e desordenada. A segunda proporcionava ao idêntico aparecer na cadeia desordenada das representações. Isto é, a natureza estabelecia o contínuo através de aproximações desordenadas

e a natureza humana percebia o idêntico naquilo que aparentemente era desordenado e diferente. Ambas as naturezas, apesar desta oposição, lidam com elementos iguais: a diferença, a continuidade e a sucessão. Elas permitem que a possibilidade de análise surja em um quadro, mas necessitam, para tanto, uma da outra.

A reduplicação conferida pelas lembranças, pela imaginação e pela atenção que compara, bem como, a memória, permitem ao homem organizar a natureza em um quadro. A sequencia dos seres naturais com suas diferenças é construída em um quadro pela natureza humana proporcionando que esta se ligue a própria natureza. O mundo natural não é o desenvolvimento puro e simples da cadeia dos seres, ele necessita da natureza humana para constituir-se em discurso onde as semelhanças afloram. Deste modo, natureza humana e natureza se tocam em suas extremidades. Assim, Foucault afirma-nos:

Enquanto essa linguagem falou na cultura ocidental, não era possível que a existência humana fosse posta em questão por ela mesma, pois o que nela se articulava eram a representação e o ser. O discurso que, no século XVII, ligou um ao outro o “Eu penso” e o “Eu sou” daquele que o efetivava – esse discurso permaneceu, sob uma forma visível, a essência mesma da linguagem clássica, pois o que nele se articulava, de pleno direito, eram a representação e o ser. (FOUCAULT, 2002, p. 322).

A representação e o ser encontram-se presentes nesta linguagem ligados pelo mesmo discurso representativo. É deste modo que a natureza humana representada pelo “Eu penso” pode ligar-se a natureza designada pelo “Eu sou”. A compreensão da existência humana estava subordinada a esta ligação entre a representação e o ser.

O homem que representa, a fim de ser representado, deveria emergir da sobreposição da natureza e da natureza humana, pois, assim surgem, também, os demais saberes por ele estabelecidos. É o que de fato ocorre, por exemplo, na ordenação e na mensuração dos seres. Contudo, quando ambas as naturezas se encontram nada além da representação se apresenta. É o discurso que emerge. De acordo com Foucault (2002, p. 321):

No ponto de encontro entre a representação e o ser, lá onde se entrecruzam natureza e natureza humana – nesse lugar onde em nossos dias acreditamos reconhecer a existência primeira, irrecusável e enigmática do homem – o que o pensamento clássico faz surgir é o poder do discurso.

Portanto, ao homem que representa não cabe nenhum lugar em meio as representações. Seu lugar não é outro senão no exterior do quadro, como ausência ou como um reflexo longínquo. O homem que representa não pode ser representado sob pena de ser imediatamente absorvido pelo discurso. É deste modo que Velásquez, em *Las meninas*, aparece, alegoricamente, estático, prestes a se por a representar, mas ainda visível por não estar, efetivamente, representando. Por conseguinte, o homem, no período clássico, tinha por função, apenas, segundo Dreyfus e Rabinow (1995a, p. 22):

[...] fazer uma descrição artificial da ordem que já estava aí. Ele não criou o mundo, nem sequer as representações. O que ele fez foi construir uma linguagem artificial, uma ordem convencional dos signos. Mas não foi o homem quem lhes deu sentido. [...] O homem esclarecia, mas não criava; ele não era fonte transcendental de significação. Deste modo se tivéssemos que perguntar qual a atividade própria do sujeito – o “eu penso” – nós teríamos a resposta relativamente simples de que era a tendência a alcançar a clareza dos conceitos.

Ao homem cabia organizar e mensurar enquadrando os signos assim obtidos. A ele reservava-se a tarefa de analisar as representações. Sua ausência era condicionada a este labor.

A compreensão daquilo que é o homem durante a “era da representação” depara-se, também, com obstáculos diante das análises realizadas por Foucault sobre a loucura. Na “*História da Loucura*”, enquadrado pelo discurso classificatório e pelas extenuantes taxonomias, o homem, não passa de modelo para o quadro dos saberes que é delineado. É sua imobilidade que figura na paisagem da loucura, não as suas representações.

Embora a loucura encontre sua primeira possibilidade de manifestação, sua primeira liberdade, no âmbito do fantástico em meio aos fantasmas, não são propriamente estas imagens que tornam o indivíduo louco. Para tornar-se louco o homem deve tomar como verdadeira as imagens fantasmagóricas, isto é, considerar o erro como verdade. O louco confisca a imagem ilusória, não podendo contorna-la.

A loucura não é apenas a imagem, ou o erro incontornável. Ela depende de um ato que a constitui secretamente, um ato de crença, de afirmação e de negação. Enfim, ela depende de um “[...] discurso que sustenta a imagem e ao mesmo tempo trabalha-a, cava nela, estende-se ao longo de um raciocínio e organiza-o ao redor de um segmento de linguagem.” (FOUCAULT, 2005, p. 233).

O homem que em seu sonho acredita ser de vidro não pode ser considerado louco. Mas sim, aquele que apropriar-se desta ideia; e, em vigília, agir como se de fato o fosse esquivando-se dos objetos demasiadamente duros ou que eventualmente possam ferir sua delicada consistência. A loucura neste sentido obedece a preceitos lógicos e racionais, pois o vidro não deve ser submetido a determinadas condições, tampouco ao contato de materiais cuja consistência possa danificá-lo. Apesar dos erros e das imagens fantasiosas que constituem a loucura, percebe-se, em sua manifestação, a perfeição oculta de um discurso. Deste modo, Foucault (2007b, p. 299) afirma:

A linguagem última da loucura é da razão, mas envolvida no prestígio da imagem, limitada ao espaço aparente que a loucura define, formando assim, ambas, exteriormente à totalidade e à universalidade do discurso, uma organização singular, abusiva, cuja particularidade obstinada perfaz a loucura. Portanto, na verdade a loucura não está de todo na imagem, a qual em si mesma não é verdadeira ou falsa, razoável ou louca; tampouco está no raciocínio, que é a forma simples, nada revelando além das figuras indubitáveis da lógica. E no entanto a loucura está num e noutro. Numa figura particular do relacionamento entre ambos.

Ora, é aí que reside o discurso clássico como manifestação da loucura, por um lado está a natureza que através de uma análise disponibiliza a semelhança das coisas antes de sua ordenação. Permeada de lacunas, com suas similitudes misturadas e entrecruzadas, a natureza necessita de organização. É através de imagens fantasiosas que ela imprime-se como representação no louco. Por outro lado, as imagens ao serem submetidas a natureza humana, isto é, a uma analítica da imaginação, que possa enfim ordená-las, deparam-se com uma lógica baseada em convicções inverossímeis, que embora seja formalmente eficiente não possui um referencial plausível. Assim, a forma discursiva de manifestação da loucura no classicismo caracteriza-se: surge o delírio².

Outro exemplo lapidar, elencado por Foucault, sobre a estrutura discursiva da loucura consiste em um relato tomado de Diemerbroek. Trata-se de um caso onde um homem julgava, erroneamente, ter matado o próprio filho e em consequência disso acreditava ser constantemente censurado por um demônio. Ao tentar descobrir as causas deste delírio

² Ao caracterizar o delírio, neste primeiro momento, Foucault (2005, p. 234) nos afirma: “[...] Assim é a loucura: esse remorso, essa crença, essa alucinação, esses discursos. Em suma, todo este conjunto de convicções e imagens que constituem um delírio.” Além disso, mais adiante, o pensador francês citando o *Dictionnaire universel de médecine* de James sustenta que: “Esta palavra (delírio) deriva de lira, sulco, de modo que deliro significa exatamente afastar-se do sulco, do caminho reto da razão.” (FOUCAULT, 2005, p. 237). Entretanto, como veremos ao longo do texto, Foucault, empregará ainda outra acepção.

descobre-se que o homem havia levado o filho para nadar e que o mesmo se afogara. Desde então o pai, sentindo-se responsável pela morte do filho, ouvia e via um demônio que o censurava ininterruptamente.

Segundo a análise de Diemerbroek a loucura apresentada possui dois níveis: inicialmente aquele visível, onde o indivíduo demonstra uma intensa tristeza, acompanhada de uma imaginação depravada. Em outro nível, mais profundo, pode-se observar a presença de um discurso rigorosamente organizado. É este discurso que considera a morte do filho como culpa do pai e assim, através de um sólido encadeamento de juízos, torna-o responsável. O assassinato é algo execrável para Deus ferindo profundamente os princípios cristãos, a fim de punir o pai, Deus envia um demônio para censurá-lo. É neste segundo nível que se encontra a verdade da loucura. E isto em um duplo sentido: a loucura é verdadeira, pois repousa em uma lógica irrecusável, em um discurso perfeitamente organizado; e, ela é verdadeiramente loucura devido a sua forma de manifestação e a estrutura interna do delírio. Essa linguagem delirante é a verdade da loucura, sua forma organizadora e seu princípio determinante, independentemente da loucura manifestar-se no corpo ou na alma.

No período clássico há uma forma de delírio sintomático e particular, próprio de algumas patologias do espírito. Pode-se afirmar, pelo menos aparentemente, que existem doenças com ou sem delírio. Todavia, diante de uma observação apurada, do exame da doença e de sua gênese, outra forma de delírio é evidenciada. Um delírio que remonta as origens e ao enigma da verdade da loucura. Esse delírio implícito está presente em todas as suas manifestações, mesmo naquelas inaparentes. Gestos silenciosos, comportamentos estranhos, hábitos extravagantes, denunciam a sua presença. A loucura, no período clássico, refere-se mais propriamente a um discurso delirante do que a mudanças no corpo ou no espírito. Segundo Foucault:

A linguagem é a estrutura primeira e última da loucura. Ela é sua forma constituinte, é nela que repousam os ciclos nos quais ela enuncia sua natureza. O fato de a essência da loucura poder ser definida, finalmente, na estrutura simples de um discurso não a remete a uma natureza puramente psicológica, mas lhe dá prioridade sobre a totalidade da alma e do corpo; esse discurso é simultaneamente linguagem silenciosa que o espírito formula a si mesmo na verdade que lhe é própria e articulação visível nos movimentos do corpo. (FOUCAULT, 2007b, p. 303).

A loucura é percebida e analisada, exclusivamente, através de uma estrutura discursiva. Primeiramente em uma visibilidade imediata que a torna passível de uma classificação

nosográfica. Isto é, a sua manifestação sintomática pode ser convertida em signos e disposta em um quadro, assim, a tristeza, movimentos abruptos e violentos e hábitos extravagantes podem constituir uma patologia. Isto, através de um encadeamento das representações mediante a análise das diferenças e semelhanças. Portanto, não é tão somente a fala do alienado que caracteriza a manifestação discursiva da loucura, mas sim, todos os seus gestos e movimentos são considerados signos de um discurso delirante. Em outro nível, naquilo que talvez poderíamos denominar de razão da loucura, também é evidenciado uma estrutura discursiva semelhante. Apegado a imagens fantasiosas, o louco, articula entre as representações inverossímeis uma linguagem lógica, cujo referencial não pode ser constatado. Lógica, baseada em crenças, em um apego desmesurado ao irreal. Mesmo aí as representações podem ser descritas e organizadas por um discurso científico.

De qualquer modo, tanto sob o ponto de vista da visibilidade imediata, quanto a partir de uma organização discursiva racional da manifestação da loucura, os saberes que se desenvolvem limitam-se a classificação. Longe de estabelecer um princípio de causalidade e de compreensão do louco, a estrutura discursiva, delimita apenas o âmbito sintomático e o encadeamento interno do delírio. A loucura em sua idealidade sobrepõe-se ao próprio louco. O discurso, assim, é simultaneamente o modo como a loucura se manifesta e a maneira como ela pode ser analisada pelo saber. O saber não incide diretamente sobre o homem, mas sim no discurso por ele proferido, discurso este, essencialmente sintomático, delirante. Deste modo, Foucault (2007b, p. 241) afirma:

[...] Quando o pensamento clássico deseja interrogar a loucura naquilo que ela é, não é a partir dos loucos que ele faz, mas a partir da doença em geral. A resposta de uma questão como: 'Então, que é a loucura?' é deduzida de uma análise da doença, sem que o louco fale de si mesmo em sua existência concreta. O século XVIII percebe o louco, mas deduz a loucura. E no louco o que ele percebe não é a loucura, porém a inextrincável presença da razão e da não-razão. E aquilo a partir do que ele reconstrói a loucura não é a múltipla experiência dos loucos, é o domínio lógico e natural da doença, um campo de racionalidade.

A estrutura discursiva, organizada durante o classicismo, impedia a caracterização do louco como objeto imediato no diagnóstico da loucura. O louco e a loucura repousam em âmbitos distintos. O louco é o suporte da loucura. O tratamento, portanto, incide diretamente sobre a loucura não sobre o louco. Somente com uma redefinição da linguagem é que finalmente o sujeito poderá surgir e assumir o papel determinante de objeto no interior da loucura.

A preocupação fundamental do saber médico, que predominou senão durante todo classicismo, pelo menos em sua maior parte, foi a classificação das doenças e sua incorporação em quadros nosográficos. A identidade, a diferença e as semelhanças permeavam toda a paisagem do saber, abstraindo o homem, cujo papel era de mero suporte a patologia que se apresentava. O homem é de fato representável, mas sua representação não. Isto é, o homem em sua singularidade; e, fundamentalmente, diante dos elementos determinantes, daquilo que poderia ser denominado, não sem alguma hesitação inicial, de sua subjetividade é sumariamente desconsiderado. Quando muito, somente a lógica discursiva imediata figura como elemento susceptível a análise.

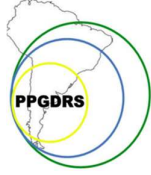
Considerações finais

A epistémê clássica pautada fundamentalmente na mathésis e taxonomia propunha-se a estabelecer a ordenação e a mensuração. O conhecimento pautava-se na classificação das identidade e diferenças. A estrutura discursiva organizada no interior desta epistémê levava em conta a natureza e a natureza humana, as quais, embora estivessem imbricadas em última estância, não possibilitavam a emersão da subjetividade.

A loucura durante o período clássico foi analisada fundamentalmente no interior de quadros nosográficos que visavam exclusivamente a classificação de uma sintomatologia das enfermidades. O que se tinha neste período frente a compreensão da loucura não passava de um inventário das características assumidas por ela.

O louco e a loucura eram tomados como coisas distintas. Por um lado, havia a caracterização da loucura dentro de quadros específicos e dentro de uma lógica racional própria do delírio. Por outro lado, o louco não possuía a sua verdade própria revelada.

É deste modo que, a loucura durante o período clássico se encontrava segregada juntamente com sua forma “não patológica”, o desatino. Ambos estavam encarcerados e submetidos a um regime punitivo disciplinar. A libertação da loucura só será possível com a caracterização de um novo tipo de discurso que possibilitará a análise da subjetividade.



Referências bibliográficas

DREYFUS E RABINOW. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

_____. **Les mots et les choses**: une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard, 2002.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

_____. **História da loucura na idade clássica**. Trad: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Gallimard, 2007b.

MACHADO, Roberto. Archéologie et épistémologie. In: CANGUILHEM, G. (Org.). **Michel Foucault Philosophe**: reencontre internationale. Paris: Éditions du seuil, 1989.